

XIII

A SURPRESA DO CRENTE

O devoto feliz experimentava a doce comoção do espetáculo celeste. Mais que a perspectiva do plano divino, porém, via, extasiado, o Senhor à frente dele.

Chorava, ébrio de júbilo. Sim, era o Mestre que se erguia, ali, inundando-lhe o espírito de alegria e de luz.

Sentia-se compenetrado de todos os tormentos da vida humana. Esquecera espinhos e pedras, dificuldades e dores.

Não vivia, agora, o instante supremo da realização? não esperara, impacientemente, aquele minuto divino? suspirara, muitos anos, por repousar na bem-aventurança. Recolhera-se em si próprio, no mundo, aguardando aquela hora de imortalidade e beleza. Fugira aos homens, renunciara aos mais singelos prazeres, distanciara-se de todos os companheiros de humanidade, que se mantinham possuídos pela ilusão ou pelo mal. Assombrado com as perturbações sociais de seu tempo e receoso de complicar-se, no domínio das responsabilidades, asilara-se no místico santuário da adoração e aguardara o Senhor que resplandecia glorificado, ali, diante dos seus olhos.

Jesus aproximou-se e saudou-o.

Oh! semelhante manifestação de carinho embriagava-o de ventura. Sentia-se mais poderoso e mais feliz que todos os príncipes do mundo, reunidos!...

O Divino Mestre sorriu e perguntou-lhe:

— Dize-me, discípulo querido, onde puseste os ensinamentos que te dei?

O crente levou a destra ao tórax oprimido de alegria e respondeu:

— No coração.

— Onde guardaste — tornou o Amigo Sublime — minhas continuadas bênçãos de paz e misericórdia?

— No coração — retrucou o interpelado.

— E as luzes que acendi, em torno de teus passos?

— Tenho-as no coração — repetiu o devoto, possuído de intenso júbilo.

O Mestre silenciou por instantes e indagou novamente:

— E os dons que te ministrei?

— Permanecem comigo — informou o aprendiz —, no recôndito da alma.

Interrompeu-se o Cristo e, depois de longo intervalo, inquiriu, ainda:

— Ouve! onde arquivaste a fé, as dádivas, as oportunidades de santificação, as esperanças e os bens infinitos que te foram entregues em meu nome?

Reafirmou o discípulo, reverente e humilde:

— Depositei-os no coração, Senhor!...

A essa altura, interrompeu-se o diálogo comovente. Jesus calou-se num véu de melancolia sublimemente, que lhe transparecia do rosto.

O devoto perdeu a expressão de beatitude inicial e, reparando que o Mestre se mantinha em silêncio, indagou:

— Benfeitor Divino, poderei doravante abrigar-me na paz inalterável de tua graça? já que fiz o depósito sagrado de tuas bênçãos em meu coração, gozarei o descanso eterno em teu jardim de infinito amor?

O Mestre meneou tristemente a cabeça e redarguiu:

— Ainda não!... o trabalho é a única ferramenta que pode construir o palácio do repouso legítimo.

timo. Por enquanto, serias aqui um poço admirável e valioso pelo conteúdo, mas incomunicável e inútil... Volta, pois, à Terra! Convive com os bons e os maus, justos e injustos, ignorantes e sábios, ricos e pobres, distribuindo os bens que represaste! Regressa, meu amigo, regressa ao mundo de onde vieste e passa todos os tesouros que guardaste no santuário do coração para a oficina de tuas mãos!...

Nesse momento, o devoto, em lágrimas, notou que o Senhor se lhe subtraía ao olhar angustiado. Antes, porém, observou que o Cristo, embora estivesse totalmente nimbado de intensa luz, trazia nas mãos formosas e compassivas os profundos sinais dos cravos da cruz.

XIV

OBSESSÃO E DÍVIDA

Quando surgiam casos de obsessão no grupo, recorria-se, imediatamente, a Sinfrônio Lacerda.

Era ele, sem dúvida, o companheiro ideal para a situação.

Dotado de altas qualidades magnéticas, sabia orientar como ninguém.

Tratava-se, efetivamente, dum amigo generoso e bem intencionado.

Não regateava a colaboração fraterna aos doentes, nem se inclinava a preferências individuais.

Primava pela delicadeza e pela pontualidade onde fôsse convidado a contribuir para o bem.

Por sua clarividência admirável, aliada a firme disposição de servir, atingia as melhores realizações.

Especializara-se, por isso, na assistência aos obsidiados, em que obtinha verdadeiros prodígios a lhe coroarem a dedicação.

Sinfrônio, contudo, não obstante a inteireza de caráter e a bondade ativa em determinados setores do serviço, não se conduzia nas mesmas normas, diante dos desencarnados sofredores ou ignorantes.

Dispensava aos médiuns enfermos ou perseguidos o maior carinho, concentrando, porém, sobre as entidades em desequilíbrio a máxima rispidez.

À maneira de grande número de doutrinadores, via nos obsidiados inocentes vítimas e, nos transviados invisíveis, os verdugos de sempre. Em razão disso, tratava os Espíritos infenzes, desapiedadamente.

Não raro, Jerônimo, um de seus mentores espirituais, se lhe fazia visível e recomendava: